

JOSÉ JORGE LETRIA

Amados Cães

Um livro de amor aos cães que celebra os afectos,
a fidelidade, a solidariedade e a amizade



3.ª Edição
FREUD,
PICASSO,
HEMINGWAY,
MARIA CALLAS,
ALEXANDRE O'NEILL ...
e as histórias dos seus
melhores amigos

OFICINA
DO LIVRO

Ficha Técnica

Título original: *Amados cães*

Autoria: José Jorge Letria

Revisão: Henrique Tavares e Castro

Capa: Margarida Rolo

Imagem de capa: © Peter Beck / Corbis / VMI

Fotografia: Isabel Letria

ISBN: 9789895556199

OFICINA DO LIVRO uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2007, José Jorge Letria e Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

À memória de meu pai, que me ensinou
a amar os cães e a compreendê-los.

*Não existe fidelidade que nunca tenha sido traída,
excepto a de um cão fiel.*

Konrad Lorenz

*O cão é um verdadeiro senhor. Quando eu morrer,
espero ir para o céu dos cães e não para o dos
homens.*

Mark Twain

*Quanto mais conheço os representantes do povo,
mais gosto dos cães.*

Alphonse de Lamartine

AMADOS CÃES: UMA EXPLICAÇÃO

No céu entra-se por favor e não por mérito; se fosse por mérito, eu ficava à porta e o meu cão entrava.

Mark Twain, *Carta a W.D. Howell, Abril, 1899*

Há muitos anos que reparto por igual os meus afectos pelos gatos e pelos cães da minha casa. Aos primeiros dediquei o livro *Amados Gatos*, cuja primeira edição foi lançada pela Oficina do Livro, em Abril de 2005. A pensar nos segundos, escrevi este *Amados Cães*, esperando que os textos que o integram possam contribuir para fortalecer no leitor a sensibilidade e a atenção que estes seres leais e dedicados merecem da parte de quem detém sobre eles o título de propriedade.

Com os cães e com os gatos aprendi, ao longo da minha vida, muito mais do que lhes ensinei. Por isso lhes estou grato. Foram e são mestres dos afectos que não reclamam contrapartidas.

Com um indesmentível desencanto, mas sem ressentimento, apetece-me dizer que gostava de ter para com a maioria dos humanos com quem lidei idêntico sentimento e atitude. Se calhar o defeito é meu, ou será

apenas mérito dos animais que nos ajudam a humanizar as nossas vidas apressadas, tensas, irritadas, ansiosas e cada vez menos disponíveis e solidárias?

Apoiado em comprovados elementos factuais, estes relatos, que recusam rótulos ou classificações, combinam a realidade e a ficção, apoiando-se, alternadamente, no género epistolar, no registo memorialístico, na reinvenção de histórias vividas ou apenas na narrativa que ficciona o que se encontra há muito documentado. Há, neste livro, de tudo um pouco, mas sempre com o papel central atribuído aos grandes protagonistas destas histórias: os cães, e tudo o que representam de elevado e exemplar. Penso que eles são credores dessa homenagem.

Aquilo que eu gostava que este livro pudesse ajudar a sublinhar está exemplarmente dito pelo filósofo Peter Singer, no seu livro, *Libertação Animal: Não podemos aplicar “standards” distintos ao sofrimento dos animais humanos e não humanos. A moral é universal. Deveríamos entender o sofrimento alheio como entendemos o nosso, e o dos animais como o dos nossos congéneres*. Porém, este não é um livro de tese. Será, porventura, um divertimento comprometido com a literatura, com os direitos dos animais, com os valores da memória e com os sentimentos que os cães tornam tão presentes e imprescindíveis nas nossas vidas.

Se a expressão “mundo cão”, usada com frequência e pouco rigor, pretende classificar o mundo onde não há regras nem princípios, então será melhor revê-la, e, eventualmente, aboli-la, pois não é, por certo, aos cães que melhor se ajusta.

De uma coisa estou certo: sem os cães, a minha vida seria muito mais pobre de emoções e vazia de afectos, porque

nada há de mais generoso e terno que um coração de cão.
Assim saibamos merecer o que ele tem para nos dar.

José Jorge Letria
Fevereiro de 2007

ALEXANDRE O'NEILL E O CÃO DO POEMA

E SSE era um ano como outro qualquer para viver ou para morrer. Mas o poeta estava cansado, e o seu coração também. Minguava-lhe a paciência para continuar versejando contra a morte. Tinha 62 anos e estava-se em 1986.

O cão evadiu-se do poema que falava do cão e veio rondar-lhe a porta e farejar-lhe o desconsolo. Era um cão sem nome e de raça incerta, meio vadio, meio doméstico, metade alegria, metade tristeza. Um cão português, um pouco cabisbaixo..., um pouco melancólico, um pouco talhado para o sofrimento que não se sabe lá bem de onde vem e ao que vem.

Alexandre olhou para o cão e sentiu pena, coisa que não gostava de sentir por ninguém. E o pior é que se deu conta de que o cão também dele se apiedara.

Mas seria aquele o cão passageiro, o cão estrito, o cão rasteiro, o cão estafado, ululante, magro, tétrico, maldito, o cão moído de pancada que descrevera uns anos antes, num poema magoado, como se inventariasse, em ritmo de diagnóstico, a miséria de ser português de uma certa maneira, sem o tempero da esperança e com o veneno letal da resignação?

Na verdade, só podia ser esse cão e não outro qualquer. Só podia ser o cão do poema, versejando, como se

tricotasse mágoas, a sua própria história.

— E o que fazes tu aqui, ó cão ao qual ordenei, num poema antigo, que saísse depressa do poema?

— Venho despedir-me de ti, Alexandre.

— Mas porquê, vais fazer alguma viagem?

— Não, Alexandre, tu é que vais, tu é que te encontras de partida e ainda não te apercebeste disso.

— Mas partir para onde, ó cão do poema?

— Não sei, Alexandre, ninguém sabe ao certo, talvez para o Céu dos Poetas, caso exista, caso acredites nele.

— Mas eu nada tenho previsto nesse sentido.

— Pois é, ninguém tem. Se calhar o teu coração tem prazos a cumprir e nunca to disse.

— E vieste até aqui para me fazeres companhia?

— Na verdade, vim até aqui para te dizer que, presente ou ausente, serás sempre para mim, e para todos os cães como eu, o verdadeiro Alexandre, o Grande, não o da Macedónia, mas o da luz de Lisboa, doce e esquiva.

— Se eu soubesse que era para isto que vinhas, ter-te-ia dado um nome, um destino, um rosto. Assim, serás sempre lembrado como o cão que um dia bani do poema, que escorracei da minha escrita por temer que me pudessem confundir com ele. Se eu soubesse...

— Não te preocupes com isso. Eu sou o cão que saiu do poema e se tornou mensageiro e arauto da dor alheia. Os cães também servem para isso.

— Partamos então, ó cão do poema. Estou pronto. É só dares o sinal.

O cão do poema tomou a dianteira e apontou o rumo ao poeta cansado. O coração parou de bater, mas a caminhada prosseguiu, pausada e segura, como se sempre tivesse estado programada para aquele dia e para aquela hora.

Quando o poeta pediu para fazer uma pausa e dormir um pouco, o cão do poema ficou de sentinela à entrada de um dos seus livros, e nem o sono ou o esquecimento o deixaram vencido, porque era um cão determinado e valente. Um cão feito com a matéria mais pura e resistente de que a poesia é feita.

Quando Alexandre, o Poeta, acordou, o cão sem nome, o cão do poema, o cão moído de pancada, voltou a apontar-lhe o caminho, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Ainda hoje há quem diga que, em noites de luar, é possível avistar ambos, na claridade noturna, ensinando aos versos o rumo das palavras sem dono. E sem sono.

O CÃO QUE VIU RENASCER TUTANKHAMON

O NOME de Lord Carnarvon ficará para sempre associado à descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon, figura menor na galeria dos grandes soberanos do Egito antigo, mas, sem dúvida, aquele que mais marcou e moldou o nosso imaginário na relação com a grandeza e o mistério daquela civilização.

Raro era o nobre inglês que não tinha dezenas ou mesmo centenas de cães, sobretudo se era praticante da caça à raposa, passatempo ritualizado e cruel em que o cavaleiro se limita a seguir a fúria persecutória dos seus animais, farejando pistas e esconderijos.

O cão de Lord Carnarvon era, afinal, uma cadela de nome Susie, e se nos for permitida a comparação com os humanos, digamos que uma criatura de poucas falas. Raramente foi ouvida a ladrar, talvez por estar demasiado atenta aos feitos do seu dono como arqueólogo e homem de sociedade.

Se lhe reservamos lugar neste livro sobre cães é porque a sua vocação para o silêncio foi interrompida, segundo vários testemunhos, apenas em dois momentos cruciais: o da abertura do sarcófago de Tutankhamon e o da morte do seu ilustre dono.

Entre esses dois momentos, a cadela de Lord Carnarvon foi testemunha de toda a emoção e de toda a polémica que